

## 90 graus

*João Batista da Silva*

Nenhuma esquina é um monólogo. Ela é diálogo, conversa, discussão. Algarra, troca de olhares, também palavrão. A esquina sempre nos diz alguma coisa, sempre em tom de censura, sempre na contramão daqueles a quem adverte. Ela fala, sinaliza, gesticula, dobra a vida em diversos caminhos. Ali, no cruzamento, há texto puro, linguagem metamorfoseada em asfalto, calçadas, luzes, latarias e movimentos. Esquina é buzina: o motorista atrasado e impaciente no semáforo. É sirene: a ambulância levando mais uma vítima do trânsito. É rádio: a música que toca no carro para aliviar a agonia do engarrafamento. É megafone: o caminhão de melancia passando pertinho da sua casa. É grito: o apocalíptico vendedor de jornais. É lamentação: a criança mercadora de guloseimas. É silêncio: na madrugada todos os amarelos, vermelhos e verdes são pardos.

A esquina é linguagem escrita. As placas moram ali. As de trânsito se dizem obrigatórias, as publicitárias se dizem necessárias, as eleitorais se dizem politicamente corretas. As dos carros se dizem legalizadas. “Caranguejo: R\$ 13,00 a dúzia”. “Fiscalização eletrônica por radar”. “Perca peso agora! Pergunte-me como”. O que, afinal, dizem? Dizem tudo. Dizem nada. Letras, números, símbolos e sinais se confundem nas esquinas, numa confraria metalingüística rabiscada por sentimentos, humores e vontades que nunca se cruzam, nunca se tocam, nunca dão a preferência ao outro. O que dizem são códigos de guerra, cifrados e decifrados pela lógica do caos, num território sempre em disputa, sempre em contestação.

As esquinas comunicam com as pinturas brancas, pretas e amarelas. São faixas, losangos e riscos nos chão lançando mensagens geralmente ignoradas. Arte efêmera, as tintas perdem a voz tão logo o frear de carros e o pisar das gentes apagam a grafia de suas abstratas advertências. Ali, nas esquinas, há toda uma geografia de comunicação no esforço de serem ouvidas. A esquina fala por seu relevo: o desnível entre a calçada e a

pista, o buraco bem na curva, o remendo mal feito no asfalto novo. Por sua hidrografia: a poça d'água no meio do cruzamento, a canalização estourada, o esgoto a céu aberto. Por sua vegetação: o mato encobrendo a visão, a árvore que faz sombra aos pedestres, o tronco de bananeira colocado para interditar paliativamente a rua. E, por seu clima: a neblina que ofusca a visão, o frio que congela os pistões, os ventos irritados com placas e faróis.

Há também uma geografia humana implícita nas esquinas. Tudo existe ali. Tudo o que as pessoas precisam. Bares, igrejas, lotéricas, mercados, circos. Sexo. Consumo. Fé. Distração. Bifurcação. Confluência. Enfim, uma terra atravessada de opções, mediada pelo ideal do lucro. Sim, as esquinas corroboram com o discurso capitalista. Elas vendem. A esquina é uma zona de livre comércio, regulada pelos trinta segundos do semáforo.

Mas elas falam. E nunca falam sozinhas. Nunca estão vazias. Uma esquina (só uma) sugere a geografia da vida. A geometria da cidade e a filosofia dos indivíduos. Sugere o escoar do mundo: seus fluxos, suas economias, seus ângulos. Sugere o próprio mundo. Todo o mundo, dobrado ali, em 90 graus.